

Patricia Weissmann¹
Mariana Buzeki²
Traduzido por Sanderleia
Silveira³

A escola do mar e a educação em tempos de isolamento social

La escuela del Mar y la Enseñanza
en tiempos de aislamiento social

The school of the sea and education
in times of social isolation

Resumo

Este trabalho narra como a Escuela del Mar de Mar del Plata, Argentina, lida com o isolamento social, a partir de entrevistas virtuais e da revisão de materiais, áudios e vídeos compartilhados por professores, famílias e alunos. Conclui-se, que as atividades artísticas atuam como nexos entre o mundo externo e interno.

Palavras-chave: Educação alternativa. Atividades artísticas. Isolamento social.

Abstract

The paper narrates how the Escuela del Mar, Mar del Plata, Argentina, copes with social isolation, based on virtual interviews and the review of materials, audios and videos shared by teachers, parents and students. The conclusion is that artistic activities act as a link between the external and internal world.

Key-words: Alternative education. Artistic activities. Social isolation.

Resumen

El trabajo narra cómo sobrelleva el aislamiento la Escuela del Mar de Mar del Plata, Argentina, en base a entrevistas virtuales y la revisión de materiales, audios y videos compartidos por docentes, familias y alumnos. Se concluye que las actividades artísticas actúan como nexos entre el mundo externo y el interno.

Palabras clave: Educación alternativa. Actividades artísticas. Aislamiento social.

¹Doutora em Psicologia, coordenadora do projeto de pesquisa “Formas alternativas de educação no século XXI”, professora titular de “Adolescência, Educação e Cultura”, Centro de Ciências da Educação, Faculdade de Letras, UNMDP. patricia.weissmann@gmail.com

²Doutora em Psicologia, integrante do projeto de pesquisa “Formas alternativas de educação no século XXI”, professora adjunta de “Adolescência, Educação e Cultura”, Departamento de Ciências da Educação, Faculdade de Letras, UNMDP. marianabuzeki@hotmail.com

³ Tradutora credenciada pela empresa Cia das Traduções Ltda. Joinville/SC.

To everything, turn, turn, turn,
There is a season, turn, turn, turn,
And a time to every purpose under heaven.

Canção de Pete Seeger, 1962

Introdução

Neste trabalho nos propomos a questionar como a Escola do Mar lida com o isolamento social, uma escola experimental na cidade de Mar del Plata, província de Buenos Aires, Argentina, a qual temos monitorado -bem como outras escolas alternativas- desde a sua criação no ano de 2015, no âmbito do projeto de investigação “Formas alternativas de educação no século XXI”, sediado no Centro de Investigação Multidisciplinar em Educação (CIMED) da Faculdade de Humanidades, Universidade Nacional de Mar del Plata (UNMDP).

Para desenvolver a pesquisa, realizamos entrevistas via WhatsApp com professores e famílias relacionadas à instituição. Também revisamos áudios e vídeos compartilhados por professores, pais, mães, alunos e alunos, durante o primeiro quadrimestre de 2020, bem como cadernos e fichas de atividades que os professores mandam para as casas dos alunos todas as semanas. Mas para poder dimensionar os resultados obtidos é necessário começar por situar o problema estudado no contexto mais amplo em que se insere. Para esse objetivo nos baseamos em alguns dos trabalhos apresentados como segunda avaliação parcial por estudantes da matéria Adolescência, Educação e Cultura, Departamento de Ciências da Educação, Faculdade de Humanidades, UNMDP e em contribuições de diferentes pesquisadores.

Hoje na Argentina são mais de 11 milhões de crianças e adolescentes que não estão frequentando a escola, desde que o Decreto 297/20 de isolamento social preventivo e obrigatório foi aprovado em 20 de março deste ano (BOLETIM OFICIAL DA REPÚBLICA ARGENTINA, 2020). As aulas não foram interrompidas, são ministradas de forma virtual, através de plataformas como Edu.ar ou ABC, entre outras, programas educativos de televisão e rádio e conteúdos curriculares nacionais de carácter público. Isso traz consigo uma série de problemas.

O principal deles é o acesso desigual a tais conteúdos e atividades: nem todos têm internet, nem todos têm computador. Existem casas com um único computador que precisa ser compartilhado por todos os membros da família (os pais e mães para trabalhar, as crianças e adolescentes para os deveres escolares, os e as jovens para o trabalho e/ou universidade). Muitas crianças usam seus telefones celulares –ou os dos seus pais- para se conectarem com a escola e realizarem as atividades que lhes são enviadas. Soma-se a isso que mais da metade é acompanhada por adultos com pouca escolaridade, que não podem ajudar seus filhos a resolver tarefas que eles próprios não entendem (AGUILAR, 2020). Em resumo, como coincidem em destacar todas as pesquisas revisadas (ARNUZ, 2020; BOMBINI, 2020; CHEIBAR, 2020; DUSSEL, 2020; RIVAS, 2020; VALENZUELA, 2020; para citar algumas), o problema mais sério,

anterior à pandemia e que vai se agudizando com ela, é o da desigualdade social e a exclusão educacional.

Um segundo problema que surge é que na Argentina, neste ano, muitos professores tiveram que aprender sobre TICs e plataformas virtuais pela primeira vez em suas vidas. Eles aprendem conforme vão fazendo e se sentem muito expostos aos pais que os julgam. Como aponta o pedagogo italiano Francesco Tonucci (2020), a escola desde muito tempo deixou de conversar com a família, de explicar o que está fazendo e por isso a família tem ignorado a educação de seus filhos, delegando-a à escola. Nesse sentido, ele afirma que “voltar a deixar claro que o objetivo é a felicidade dos filhos e alunos poderia ser uma forma de reencontrar a cooperação” (TONUCCI, 2020, p.3).

Um terceiro problema é que a casa da família nem sempre é um refúgio para as crianças. No contexto do confinamento, os conflitos se intensificam e se perde a instância exogâmica da autonomia representada pela escola (FERNÁNDEZ, 2020). Sentem falta dos amigos e daquele espaço próprio onde os pais não têm lugar.

Por último, perde-se o contato próximo, o trabalho colaborativo e em grupo. Nas palavras da educadora argentina Inés Dussel (2020, p.6), “a ausência da sala de aula produz uma ausência de outras vozes infantis para aprenderem juntas”.

Uma escola diferente

Nesta seção não entraremos em detalhes, pois já apresentamos descrições detalhadas da Escola do Mar, das Escolas Experimentais e do Instituto de Ensino Superior Speroni em textos anteriores (WEISSMANN 2017 e 2018). A Escola do Mar, como todas as escolas experimentais da Argentina, segue as diretrizes das propostas de três professoras, Nelly Pearson, Dorothy Ling e Marta Bournichon, que em 1958 criaram um Centro Pedagógico na cidade de La Plata, província de Buenos Aires, Argentina, baseado em atividades artísticas. Este Centro, que começou como uma pequena escola para crianças de 3 a 13 anos, em uma casa particular, cresceu com o tempo e se tornou um Instituto de Educação Infantil, Fundamental, Média e Superior. Nesse último nível são formados os futuros professores de escolas experimentais de todo o país. Sua característica definidora é a incorporação da arte como base de aprendizagem e motor do desenvolvimento pessoal. Música, dança, pintura, teatro, histórias, poemas e canções estão presentes a todo o momento em uma escola experimental (WEISSMANN, 2017).

Outras características são a ausência de bancos e carteiras, não há divisão por série, não há provas, os materiais são comprados ou confeccionados na própria escola e armazenados em prateleiras baixas, ao alcance das crianças. Os tempos de cada um são respeitados, todos os professores trabalham com todas as turmas e fazem as avaliações em conjunto. Não há assistentes ou diretores. As famílias colaboram estreitamente para o sustento financeiro da escola e também participam de diversas atividades. Cada aluno é conhecido em detalhes (WEISSMANN E BUZEKI, 2016).

Atualmente a escola tem 53 alunas e alunos com idades entre 3 e 11 anos, divi-

didados em cinco grupos por faixa etária (Grupo 1: 3 e 4 anos; Grupo 2: 5 anos; Grupo 3: 6 e 7 anos; Grupo 4: 8 e 9 anos; Grupo 5: 10 e 11 anos) e 9 professores.

A Escola do Mar e a pandemia

Para entender o que a pandemia implica na Escola do Mar, é necessário descrever como era seu cotidiano até o início do isolamento. Todas as manhãs, ao chegar, meninas e meninos eram recebidos por alguns professores. Deixavam os casacos e os sapatos na entrada, trocando-os por pantufas ou simplesmente meias (e no verão muitas vezes apenas descalços) para ficarem dentro da sala compartilhada. Ao entrar, juntavam-se à roda de alunos e professores sentados no chão. Enquanto esperavam a chegada dos outros, alguém tocava violão (ou algum outro instrumento) e começava a cantar uma música à qual aos poucos todos iam aderindo.

Uma vez que a roda estava completa, eles se cumprimentavam, contavam as novidades e se dividiam em subgrupos por idade para iniciar as atividades escolares. Cada grupo formava sua própria roda no chão, com um professor ou uma professora e às vezes estagiários, todos na mesma grande sala, aprendendo a dividir o espaço sem atrapalhar uns aos outros. Em todas as atividades estava presente a música (cantar, tocar flauta, fazer percussão, inventar canções, etc.) e a pintura com diversos materiais (em geral os preferidos eram tinta a óleo, mas também a colagem com materiais descartados tinha grande adesão por parte desses artistas iniciantes). Inventar histórias, pesquisar diferentes temas usando a internet, mas também excursões de campo e instrumentos como microscópios, lupas e telescópios e fazer experimentos, brincar no quintal, trabalhar na horta, amassar os pães para o lanche, faziam parte das rotinas diárias, bem como as danças de roda, as assembleias, a comida todos juntos em silêncio, as atividades de limpeza e ordenação dos materiais, a roda final de despedida na qual cantavam e dançavam enquanto esperavam que seus pais viessem buscá-los.

Em 2020, na contramão do isolamento forçado, na atual emergência a Escola do Mar busca fortalecer os vínculos, a proximidade, o acompanhamento e a empatia entre todos os membros da comunidade educacional. Nesta situação, os limites da jornada de trabalho ficam confusos. As consultas, comentários, pedidos, podem chegar a qualquer momento. Conceitos como "fim de semana" ou "feriado" perderam seu significado em um contexto no qual até mesmo as atividades diurnas e noturnas se misturam ou mudam de ordem.

Assim, os professores buscam de todas as formas se conectar com o mundo interno das crianças, confiando que eles aprenderão se seu desejo for mantido vivo. Por isso, para acompanhar este momento de incertezas e estranhamento, desde o início da quarentena (que já dura na Argentina mais de cinco meses!) mandam para cada casa áudios e vídeos com histórias, canções, danças e jogos, e semanalmente levam aos lares materiais, cadernos e fichas com atividades escolares personalizadas para cada aluna e cada aluno. Eles fazem tudo isso trabalhando juntos, seja interagindo de forma virtual ou se reunindo no pátio da escola (usando máscaras) quando o tempo

permite. As crianças e seus pais também compartilham suas produções, invenções e criações com o grupo, em geral por meio de grupos de WhatsApp, mas também fazem uso dos encontros do Zoom, como dizem eles, “para ver a cara uns dos outros”.

Como nas aulas presenciais, a tarefa dos professores e das professoras na comunicação virtual é colocar meninos e meninas em condições de aprender, criando um ambiente que permita uma aprendizagem ativa e progressivamente autônoma. Abrem perguntas em vez de darem respostas, acompanham e estão presentes, no sentido que dava à presença Antonio Gomes da Costa (2005, p.127): “Se o educador escuta o educando, esforçando-se de forma sincera em colocar-se no seu lugar e ver a situação com os olhos (...) procurando compreendê-la e aceitá-la, o jovem se sentirá envolvido em um espaço de calor e reciprocidade”.

O principal recurso que utilizam é o material concreto (elementos de madeira, de tecido, de massa, quebra-cabeças, blocos, jogos matemáticos, bonecos, fantoches, xilofones, tambores, fichas, cadernos, etc.) que a equipe de ensino prepara e constrói, de acordo com as idades e inquietações. Eles próprios levam os materiais para as casas, renovando-os periodicamente à medida que as tarefas propostas são concluídas. Por outro lado, conforme mencionado acima, circulam canções, histórias narradas, vídeos, fotos e outras produções de crianças e adultos nos grupos do WhatsApp.

Os alunos de 8 a 11 anos -separados em duas turmas- se reúnem semanalmente com a equipe de professores por meio do Zoom, para fazer um acompanhamento do material em que estão trabalhando e discutir novas propostas, que podem vir de crianças ou de professores. Esses espaços atuam principalmente como momentos de encontro, socialização e compartilhamento de sentimentos. Algumas crianças, que não têm uma boa conexão de internet em casa, participaram da casa de outro colega ou por vídeo chamada em um grupo menor.

Também são realizados encontros virtuais com as famílias dos diferentes grupos, para gerar ferramentas com as quais acompanhar as crianças em casa, não só emocionalmente, mas também pedagogicamente. Em geral, as famílias dessa escola não têm problemas de conectividade (com poucas exceções), mas metade dos professores, sim, tem. Para todos os membros da comunidade, grandes e pequenos, foi um grande desafio adaptar-se às novas condições.

Conclusões

Os ritmos fazem parte da vida. Como diz a canção de Pete Seeger que colocamos como epígrafe deste artigo, e que, na versão de The Birds, que se tornou famosa nos anos sessenta, há um tempo para tudo debaixo do céu. Entre as muitas mudanças abruptas que a pandemia produziu, a perda da rotina diária não é pouca coisa. Causa incerteza, insegurança e até sentimento de perda de sentido. A isso se soma à perda da presença física, a falta de olho no olho, mãos com mãos, corpos e vozes, riso compartilhado.

No caso da Escola do Mar, as atividades artísticas, que não são novas, que fazem

parte do cotidiano desde as crianças entraram na escola, funcionam como fio terra e suporte, como elo de continuidade entre um exterior que assim se torna menos hostil e um interior que, ao se expressar e se compartilhar, afirma sua existência. Do que mais sentem falta é de se reunir com os amigos. Então compartilham no grupo do WhatsApp pequenos vídeos cantando, dançando, fazendo pequenas esquetes, ou um truque de mágica, ou fotos de si mesmos fantasiados, maquiados ou enviam uma escultura que eles fizeram com uma laranja, botões e um garfo (pela música de María Elena Walsh: “a laranja passeia da sala à sala de jantar, não me descasque com uma faca, descasque-me com um garfoooo”).

O apoio dos professores é recebido pelos alunos através das suas propostas e disponibilidades. Soma-se também o acompanhamento de suas mães e pais, que têm uma predisposição particular –por algum motivo escolheram uma escola experimental para seus filhos. Essas famílias estão acostumadas a “construir comunidade” (POLLERI, WEISSMANN E ZUBIRI 2020). Desde o início trabalham de forma cooperativa para o sustento econômico da escola. Eles têm vários empreendimentos conjuntos: de alimentos (empanadas, pizzas, bolos, pães, barras de cereais), de fabricação e venda de brinquedos e materiais didáticos, de manutenção e reparação de casas e jardins, incluindo o próprio prédio da escola. Estão habituados a reunir-se diariamente para resolver diversos problemas da escola, mas também para partilhar atividades artísticas e eventos sociais.

Eles se conhecem bem. Nesse sentido, é possível conjecturar que participar dos deveres escolares de seus filhos e filhas não é tão difícil para eles quanto para os pais de outras escolas não alternativas (embora reconheçam que é difícil para eles acompanhá-los nos aspectos pedagógicos). Por outro lado, as atividades artísticas são também parte do seu dia a dia. Há quem toque um instrumento musical e componha música. Outros fazem tapetes, bonecas, fornos de barro. Há professores de ioga, teatro e dança, além de um matemático, um luthier e vários ambientalistas. A sua maneira, cada um -crianças e adultos- vai encontrando a forma de oferecer algo valioso, significativo, de compartilhar o que gosta e sabe fazer bem. Dessa forma, eles vão lidando com a pandemia, o medo e o confinamento. Não estão sozinhos e sabem disso, eles são uma comunidade.

Hoje surge um novo conceito de presença. Por parte dos alunos, ela se manifesta nas suas intervenções nas atividades propostas, nas suas mensagens, comentários e perguntas, nas produções próprias que compartilham, no esforço que dedicam a esta forma inédita de escolarização. E, por parte dos professores, a presença é exercida em um vínculo próximo e personalizado. Como expressa lindamente um estudante universitário (ARNUZ, 2020, p.5, nota de rodapé): “muitas vezes saber que há alguém disponível para responder a perguntas é suficiente”.

Referências

AGUILAR C. **La educación en cuarentena. Los docentes ante un nuevo desafío virtual.** Ponencia presentada como 2º evaluación parcial, Cátedra Adolescencia,

Educación y Cultura. Departamento de Ciencias de la Educación, Facultad de Humanidades, UNMDP. Junio de 2020.

ARNUZ G.A. **Las nuevas tecnologías y la brecha digital en la pandemia COVID-19 en Argentina.** Ponencia presentada como 2º evaluación parcial, Cátedra Adolescencia, Educación y Cultura. Departamento de Ciencias de la Educación, Facultad de Humanidades, UNMDP. Junio de 2020.

BERG N. **La educación en tiempos de pandemia y el rol que ocupa el docente.** Ponencia presentada como 2º evaluación parcial, Cátedra Adolescencia, Educación y Cultura. Departamento de Ciencias de la Educación, Facultad de Humanidades, UNMDP. Junio de 2020.

BOLETÍN OFICIAL DE LA REPÚBLICA ARGENTINA. Disponible en: <https://boletinoficial.gob.ar/detalleAviso/primera/227042/20200320>

BOMBINI G. **La escuela en tiempos de pandemia.** 2020. Disponible en: <https://red.infed.edu.ar/wp-content/uploads/2020/05/VEP-bibliografico-Ficha-10-La-escuela-en-tiempos-de-pandemia.pdf>

CHEIBAR L. Flexibilidad curricular. **Tensiones en tiempos de pandemia.** En: Educación y pandemia. Una visión académica. Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación. Universidad Autónoma de México (UAM). 2020.

DUSSEL I. **La clase en pantuflas.** INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDIOS PEDAGÓGICOS (ISEP). 2020. Disponible en: <https://isep-cba.edu.ar/web/2020/04/27/>

FERNÁNDEZ D. **La educación en tiempos de cuarentena.** Ponencia presentada como 2º evaluación parcial, Cátedra Adolescencia, Educación y Cultura. Departamento de Ciencias de la Educación, Facultad de Humanidades, UNMDP. Junio de 2020.

GOMES DA COSTA A. **Pedagogía de la Presencia.** 2ª edición. Buenos Aires: Losada. 2005. 165 pags. ISBN 9789500383721.

POLLERI P.; WEISSMANN P.; ZUBIRI E. **La construcción de comunidad y otros mundos posibles.** En: Godoy R.; Ramallo F.; Ribeiro T. (comps.) Investigaciones vivas en educación: Des-marcaciones fractales entre superficies y profundidades. 1ª edición. Santiago de Chile: Universidad La Serena. 2020. En prensa.

RIVAS A. Pedagogía de la excepción. **¿Cómo educar en la pandemia?** Buenos Aires. Universidad de San Andrés. Disponible en: https://udesa.edu.ar/sites/default/files/rivas-educar_en_tiempos_de_pandemia.pdf

TONUCCI F. Educación Pos Pandemia. **Seminario virtual organizado por el**

Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación de la UNESCO. Junio de 2020. Disponible en: <https://telam.com.ar/notas/202006/481446-psicopedagogo-italiano-francesco-tonucci-reinvencion-de-escuelas-pos-pandemia.html>

VALENZUELA A. La educación en tiempos de cuarentena. **Ponencia presentada como 2° evaluación parcial, Cátedra Adolescencia, Educación y Cultura.** Departamento de Ciencias de la Educación, Facultad de Humanidades, UNMDP. Junio de 2020.

WEISSMANN P. **Viejas nuevas pedagogías en el siglo XXI.** En: Weissmann P. (comp.) La otra educación. Relatos de experiencias. 1° edición. Buenos Aires: Maipue. 2017. 179 pags. ISBN 978-987-4413-25-3.

WEISSMANN P.; BUZEKI M. **Experiencias de Educación Alternativa en Mar del Plata: Escuela Experimental del Mar.** En: III JORNADAS DE INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN. 27 y 28 de Junio de 2016. Facultad de Humanidades. UNMDP. Mar del Plata. ISBN 978-987-544-705-9.

WEISSMANN P. (comp.) **La otra educación.** Relatos de experiencias. 1° edición. Buenos Aires: Maipue. 2017. 179 pags. ISBN 978-987-4413-25-3.

WEISSMANN P. (comp.) **Hacia una educación para el buen vivir.** Aportes de las pedagogías críticas. 1° edición. Buenos Aires: Maipue. 2018. 152 pags. ISBN 978-987-4490-59-9.